

2

A teoria ferencziana do trauma

Sándor Ferenczi (1873-1933), psicanalista contemporâneo de Sigmund Freud (1856-1939), produziu vários ensaios sobre a questão do trauma, principalmente a partir de 1929. Através desses textos, muito polêmicos no âmbito psicanalítico, Ferenczi saiu em defesa dos principais pressupostos da extinta *neurotica* freudiana.

Pode-se afirmar que a teoria ferencziana do trauma apresenta-se segundo dois enfoques distintos. Num primeiro, os traumas são estruturantes, necessários, inevitáveis ou filogenéticos. Os melhores exemplos de um trauma inevitável, bem como necessário à constituição subjetiva são a castração e o aprendizado das normas de higiene pela criança. Num segundo, por outro lado, as situações traumáticas colocam em risco todo o projeto identificatório do sujeito, por não serem metabolizadas e, assim, integradas ao psiquismo. Em outras palavras, numa leitura do Ferenczi tardio (1931, 1933), uma criança se desestrutura sempre que não consegue se reorganizar internamente após uma experiência traumática sedutora, sofrendo uma verdadeira mutilação no seu eu. Na teoria de Ferenczi, fatores externos que impõem mudanças no aparelho psíquico ganham relevo; em lugar dos fatores endógenos, é sobretudo o meio ambiente que perturba o aparelho psíquico, desorganizando-o (Pinheiro, 1995, p. 35). Coelho Jr. (2003, p. 87) ratifica essa idéia:

No embate entre o primado da fantasia (que acaba por predominar na maior parte da teorização freudiana) e o primado da realidade, Ferenczi, entre outros psicanalistas mais próximos de Freud, é o que primeiro retorna à valorização da realidade externa na instalação do trauma psíquico. O primeiro texto que expõe claramente essas idéias é 'Princípio de relaxamento e neocatarse', lido no Congresso Psicanalítico de Oxford em 1929 e publicado no ano seguinte.

Na perspectiva de Ferenczi, o trauma depende de uma falha na relação entre o sujeito e o outro. Valorizando a alteridade na constituição do trauma, Ferenczi se mantém fiel ao que sua clínica lhe revelava: o trauma é fundamentalmente o resultado de uma ação de um outro sobre aquele que é traumatizado.

Uma primeira concepção do trauma como estruturante do sujeito encontra-se nos textos de Ferenczi das décadas de 1910 e 1920. Lembro que

desde o trabalho *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, Ferenczi (1913) já apontava para a existência de uma relação originária traumática e sedutora com a mãe, considerada o primeiro objeto de amor para a criança. Nesses primeiros trabalhos a ênfase é colocada numa vertente positiva do trauma de sedução, enquanto organizador do psiquismo e, de certa forma, inevitável.

Segundo Ferenczi, as primeiras relações mãe-bebê são traumáticas para a criança na medida em que, através dos cuidados de higiene da mãe, a criança aprende que deve se submeter às leis impostas pelo meio ambiente, e isto numa época em que todo bebê ainda acredita que ser amado e se sentir o centro do mundo é seu estado natural (Ferenczi, 1913). Deste modo, a onipotência incondicional do recém-nascido se mostra insustentável e ele passa a reconhecer nele próprio além de sentimentos de prazer, também sentimentos de desprazer, que provocam mudanças no seu aparelho psíquico.

Durante a década de 1920 e especialmente em *As fantasias provocadas*, Ferenczi (1924) tenta explicar as interações existentes entre a sedução, as fantasias infantis precoces e os traumas sexuais infantis. Em sua opinião, a sedução dirigida às crianças e o medo ligado à situação traumática sexual são, até certa medida, inevitáveis e importantes para o enriquecimento fantasístico em geral. Para ele, a vivacidade da vida fantasística está diretamente ligada aos acontecimentos vividos na infância, qualificados como traumas sexuais infantis. Na ausência desses, o resultado pode ser a pobreza da vida fantasística:

Os pacientes, em que fui levado a despertar e a solicitar artificialmente (...) a atividade de fantasia (...), pertenciam em boa parte a classes sociais ou a famílias onde os atos ou os gestos das crianças são controlados desde a mais tenra infância com uma severidade excessiva, (...) onde as crianças não têm nenhuma oportunidade de observar em seu meio e ainda menos de viver o que for de ordem sexual. São, de certo modo, crianças excessivamente bem educadas, cujas moções pulsionais não têm, em geral, ocasião de radicar-se na realidade. (Ferenczi, 1993 [1924], p. 247)

O autor considera que “certa quantidade de experiências sexuais (...) longe de prejudicar mais tarde a normalidade (...) antes a favoreceriam” (*ibidem*, p. 248).

Assim, ao explicitar as interações que entrevê entre fantasias sexuais infantis e experiências de sedução na infância, Ferenczi (1924) valoriza a vertente estruturante do trauma, já que uma certa quantidade de experiências sexuais vividas através da sedução sexual infantil funciona como “proteção

contra os caminhos anormais que o desenvolvimento é suscetível de adotar” (Ferenczi, 1993 [1924], p. 248). No entanto, o trauma de sedução não deve ser, segundo Ferenczi, vivenciado nem mais nem menos do que “um certo ponto ótimo” (*ibidem*, p. 237). A meu ver, Ferenczi assim assinala que para ele há um aspecto positivo do trauma e que, ao contrário do que poderia pensar, nem toda experiência sexual traumática adquire posteriormente um valor patológico para a criança.

Em contraponto a Ferenczi (1924) em *As fantasias provocadas*, Catherine Couvreur (2002) apresenta, em *Le trauma aujourd’hui et ses conséquences*, uma posição mais pessimista sobre o caráter positivo e protetor das experiências sexuais infantis, apontando para a vertente patológica do trauma. Nesta medida, Couvreur aproxima-se mais dos trabalhos de Ferenczi da década de 1930, especialmente do ensaio *Análises de crianças com adultos*, em que Ferenczi (1931), muito interessado nas questões relativas à técnica, afirma que um analista “não se deve declarar satisfeito com nenhuma análise que não tenha culminado na reprodução real dos processos traumáticos do recalçamento originário, no qual repousa em última instância a formação do caráter e dos sintomas” (*ibidem*, p. 73). É provavelmente neste sentido que Couvreur (2002, p. 693) sustenta que os traumas de sedução na infância contribuem não só para a formação do caráter – consoante com a vertente estruturante do trauma –, como também para a formação dos sintomas – segundo o viés patológico do trauma.

Como observa Couvreur, na década de 1930, Ferenczi passa a apresentar o trauma a partir de uma visada negativa. No trabalho *Análises de crianças com adultos* (1931), assim como em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933 [1932]), *Diário clínico/ Sándor Ferenczi* (1985 [1932]) e *Reflexões sobre o trauma* (1934 [1931-1932])⁴⁹, Ferenczi dá um valor patogênico ao trauma, ao abordar o tema da sedução sexual infantil de uma forma diferente da apresentada por ele em *As fantasias provocadas* (Ferenczi, 1924).

Considero que é principalmente nos anos 1930 que Ferenczi destaca a noção de trauma. É ainda nesta década que Ferenczi passa a entender o trauma como se constituindo em dois tempos. Não se trata da eficácia *a posteriori* do incidente traumático, como na perspectiva freudiana. No Ferenczi tardio, o

⁴⁹ *Reflexões sobre o trauma* é um artigo póstumo de Ferenczi, publicado em 1934. No entanto, ele reúne notas sobre o trauma, redigidas em datas diferentes e publicadas em meio a outras notas tomadas entre 1920 e 1932, sob o título *Notas e fragmentos* (cf. Ferenczi, 1992 [1934], p. 109). Decidi em meu trabalho mencionar o ano em que originalmente foram escritas as duas primeiras notas por mim utilizadas. Assim, ressalto que a primeira nota, *Da revisão de A interpretação dos sonhos*, foi redigida em 1931, enquanto a segunda, *Da psicologia da Comoção psíquica*, foi redigida em 1932.

trauma resulta de um primeiro momento em que um evento precoce e real acontece – as atitudes sexuais sedutoras dos adultos frente às demandas de carinho e verdade das crianças – e, um outro, em que um *desmentido* ocorre no ambiente próximo à criança.

2.1

“Palavras enterradas vivas”: o desmentido

O que se passa no trauma é que o adulto interdita à criança não apenas as palavras, como também a possibilidade de ambiguidade, de múltiplos sentidos. São palavras destinadas a ficarem enclausuradas, desprovidas de polissemia, tornando-se representações proibidas de fantasmaticização e, para retomar a expressão escolhida por N. Abraham e M. Török, são, de alguma forma, “palavras enterradas vivas”. (Pinheiro, 1995, p. 76-77)

A originalidade da teoria do trauma ferencziano está alicerçada justamente na idéia inovadora sobre o desmentido. O desmentido, fundamental para que haja um trauma, é entendido como a incompreensão, ou melhor, a negação por parte do adulto de que algo de fato aconteceu com a criança. Em outras palavras, o adulto vai ouvir o relato da criança como uma fantasia infantil e não um acontecimento real, desautorizando assim a fala da criança. Neste sentido, o desmentido adquire para a criança um contorno essencialmente traumático e desestruturante. Em contrapartida, a história contada pela criança é também traumática para o adulto, que, incapaz de absorvê-la, relega-a à condição de mentira ou de fantasia.

Pinheiro (1995) tece uma crítica importante à forma como o conceito de desmentido é apresentado em diferentes textos de Ferenczi. Para ela, Ferenczi se perde ao tentar justificá-lo, na medida em que coloca de um lado a verdade e de outro a mentira, atrelando-as respectivamente ao acontecimento factual e à fantasia infantil. Dessa forma, Ferenczi se equivoca ao desconhecer o pressuposto freudiano posterior a 1897 segundo o qual não cabe ao analista se preocupar com o que realmente ocorreu ou não, como se quisesse separar o joio do trigo. O que deve ser levado em conta é a realidade psíquica.

(...) sabemos, e Ferenczi também o sabia, que a questão da realidade se perde ou tem valor relativo quando lidamos com o psiquismo. O que importa é a realidade psíquica. O registro psíquico é feito tanto de eventos reais quanto de fantasmados; os dois terão o mesmo valor psíquico. (...) Se não importa o fato ser real ou fantasiado, como pode o desmentido se manter de pé como fator essencialmente traumático?

(Pinheiro, 1995, p. 74-45)

Para Ferenczi, o desmentido tem a força de uma *Verwerfung* se a violação da criança realmente houver ocorrido, embora tenha sido ouvida pelo adulto como uma ficção. O desmentido só tem valor traumático e desestruturante se o enunciado da criança for relegado ao registro da mentira absoluta, e o do adulto tomado como da verdade absoluta, pois, assim, só resta à criança engolir este enunciado de sentido unívoco e desprovido de ambiguidade (Pinheiro, 1995).

2.2

A sedução retomada

Ferenczi retoma, especialmente na década de 1930, a teoria da sedução da criança pelo adulto como causa da neurose. Nesses ensaios ferenczianos, são apresentadas as principais vertentes do trauma, enquanto estruturante e enquanto patológico.

Em *Princípio de relaxamento e neocatarse* (Ferenczi, 1930a), já existem apontamentos acerca da existência de atitudes incestuosas por parte de pais, que abusam sexualmente de seus filhos. Estas crianças, por sua vez, participam inocentemente de um jogo repleto de punições e ameaças graves, que lhes é imposto, os quais são incompreensíveis para elas. Para Ferenczi, as crianças reagem a um choque violento através de uma fuga da realidade, já que se sentem incapazes de pensar ou resistir em sua própria defesa.

A primeira reação a um choque é sempre uma psicose passageira, ou seja, uma ruptura com a realidade, por um lado sob a forma de alucinação negativa (perda de consciência ou desmaio histérico, vertigem), por outro, com frequência, sob a forma de uma compensação alucinatória positiva imediata que dá uma ilusão de prazer. (Ferenczi, 1992b [1930a], p. 64-65)

Se tinham confiança em si e no mundo externo, após um trauma de sedução, as crianças se sentem incapazes de se adaptar à situação de desprazer; suas tentativas de defesa se revelam débeis e ineficazes. A confiança

que as crianças têm no mundo externo também é balizada pelo amor que elas esperam de seus pais e que não lhes é suficiente, na medida em que desejam gratificações edípicas que por princípio não podem receber, adoecendo por causa de desejos que não podem realizar. Neste sentido, tanto o desejo insatisfeito quanto a experiência traumática sedutora adquirem valor patogênico.

Em *Análises de crianças com adultos*, Ferenczi (1931) afirma que, ao se sentirem ameaçadas e com medo, as crianças procuram ajuda nas pessoas mais velhas que lhes inspiram confiança. Se não encontram apoio, elas perdem o prazer de viver e se auto-agridem. Desta forma, as experiências de sedução se tornam traumáticas e patológicas para as crianças, não somente pela situação violenta em si, como também pelo fato dos adultos – antes reconhecidos por elas como protetores – não as acolherem e nem acreditarem em suas histórias.

O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, (...) ou até mesmo ser espancado e repreendido (...); é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. (...) esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade. (Ferenczi, 1992b [1931], p. 79-80)

Para Ferenczi (1931), nas experiências sexuais de sedução, os adultos agem e reagem de maneira inadequada. Além disso, eles negam a verdade sobre os fatos ocorridos com as crianças, desmentem algo que faz parte da vivência real das crianças e, nesta medida, fracassam na tarefa de lhes oferecer proteção, o que torna a sedução inegavelmente traumática e patológica.

Comentando os postulados ferenczianos da década de 1930, Jurandir Freire Costa (1995) observa que, segundo Ferenczi, quando o adulto desmente a experiência sexual, o sentido do acontecimento fica congelado para a criança e só resta à criança se culpar, se auto-recriminar. Assim, “a ‘representação’ do agressor é ‘negativamente alucinada’, e o que devia ser acusação, revolta, transgressão, contestação ao outro etc. torna-se submissão e sintomas corporais” (Costa, 1995 *apud* Pinheiro, 1995, p. 14).

Para fortalecer meus argumentos de que se trata de uma concepção do trauma como desestruturante para o sujeito, apoio-me na observação de Costa (1995) de que o trauma, como produto do *desmentido* do adulto à paixão com que respondeu à demanda da criança por ternura, significa uma *introjeção impossível*.

2.2.1

Introjeção: uma comunhão das bocas vazias

Existe um processo de diluição pelo qual a criança tenta atenuar a tonalidade penosa de aspirações insatisfeitas ou impossíveis de satisfazer (Ferenczi, 1988 [1909], p. 36). Esse processo de diluição possibilita à criança gradativamente incluir em sua esfera de interesses partes do mundo exterior, com vista a torná-lo objeto de fantasias conscientes e inconscientes. Assim, as produções fantasísticas resultam do processo de introjeção do mundo exterior no eu. Através deste novo processo pode-se estender ao mundo exterior o que antes eram mecanismos primitivos auto-eróticos.

No texto *O conceito de introjeção*, Ferenczi (1912) amplia o alcance do conceito de introjeção, quando afirma que ela é o processo que está no cerne da constituição do eu, organizando e estruturando o funcionamento psíquico do indivíduo.

Descrevi a introjeção como a extensão, ao mundo exterior, do interesse, de origem auto-erótica, pela introdução de objetos exteriores na esfera do eu. Insisti nesta 'introdução', para sublinhar que considero *todo amor objetual* (...) como uma extensão do eu ou *introjeção*, no indivíduo normal como no neurótico (...). (Ferenczi, 1988 [1912], p. 61)

Tomando as coisas desta maneira, o amor do homem só sabe recair sobre ele mesmo; gostar de um objeto significa adotá-lo como parte do próprio psiquismo. A introjeção permite investir no mundo exterior a libido de origem auto-erótica, pela introdução de objetos exteriores na esfera do eu. Essa introdução de objetos em nosso eu é o mecanismo responsável por todo amor de objeto, inclusive pela transferência analítica, e possibilita uma ampliação e enriquecimento do eu. É um processo que está no cerne da constituição do psiquismo.

Inicialmente a criança não separa estímulos externos de processo psíquico, e experimenta suas próprias sensações e o mundo exterior a ela de uma forma indiferenciada. Em um segundo momento, passa a poder diferenciá-los, e gradativamente reconhece que há coisas que “permanecem a sua disposição e submetidas ao seu querer” (Ferenczi, 1988 [1909], p. 37) e outras rebeldes à sua vontade.

Quando a criança começa a ser capaz de excluir objetos de seu campo perceptivo, discriminando suas vivências subjetivas de uma percepção objetiva,

ela efetua sua primeira operação projetiva, a projeção primitiva (Ferenczi, 1988 [1909], p. 37). Expulsar para o mundo exterior será, assim, mais um recurso disponível para lidar com os afetos e sensações desagradáveis oriundos do interior. Através da projeção primitiva, os afetos subjetivos se transformam em sensações objetivas.

Contudo, uma maior ou menor parte do mundo exterior não se deixa expulsar tão facilmente do eu e o desafia: “ama-me ou odeia-me, ‘combata-me ou seja meu amigo’ ” (*ibidem*, p. 37). Ao se evidenciar como fonte necessária à sobrevivência da criança, o mundo exterior se impõe ao eu, que, através da introjeção, o absorve. Em busca de satisfação, o eu estende seu interesse ao mundo exterior, constituindo-se assim a primeira introjeção, a *introjeção primitiva* (*ibidem*, p. 37). A projeção primitiva e a introjeção primitiva são, portanto, formas de o recém-nascido organizar aquilo que se passa a sua volta. A introjeção implica, nas primeiras relações mãe-bebê, a internalização do Outro e o desejo deste na esfera do eu.

Nos trabalhos de Ferenczi de 1909 e 1912, o processo de introjeção é responsável pela constituição do aparelho psíquico, a partir da inscrição do binômio prazer/desprazer. Ferenczi orienta toda a sua obra a partir da idéia de que o psiquismo é concebido como capaz de introjetar; a introjeção é a própria forma de funcionamento do aparelho psíquico, aquilo que o psiquismo pode e sabe fazer (Pinheiro, 1995).

(...) o adulto, mais cedo ou mais tarde, será compreendido pela criança como alguém *dotado de uma vontade própria*. A criança experimentará, num momento ou outro, o desprazer imposto por este objeto introjetado (o adulto) que não é completamente controlável (...). Quando a criança começa a não mais suportar o desprazer interno, ela deve se utilizar do processo de projeção. O adulto tem aí uma função estruturante. Pelo desarranjo que provoca, o processo de introjeção deixa de ser satisfatório. (Pinheiro, 1995, p. 38)

Também interessados em trabalhar o mecanismo de introjeção, Abraham e Török (1972) criticam veementemente autores psicanalistas que haviam perdido o sentido rigoroso e específico do conceito de introjeção introduzido por Ferenczi nos textos de 1909 e 1912. Segundo eles, a confusão chegou a tal ponto que se dá o nome de introjeção justamente a processos que se caracterizam pela própria impossibilidade de introjetar. Esses autores trazem, assim, importante contribuição para o esclarecimento metapsicológico do que ocorre na patologia traumática, quando uma identificação com o agressor constitui uma vicissitude que nada tem a ver com a introjeção.

Como a própria estrutura lexicológica do termo sustenta, *intro-jetar* é jogar no interior. Abraham e Török caracterizam essa noção ferencziana em três pontos – *extensão dos interesses auto-eróticos, alargamento do eu pela eliminação dos recalcamientos e inclusão do objeto no eu* (Abraham e Török, 1995 [1972], p. 221) –, que não se restringem de forma alguma à posse do objeto por incorporação. Acrescentam, por outro lado, que:

(...) a aspiração da introjeção não é da ordem da compensação, mas da ordem do crescimento: ela busca introduzir no eu, alargando-o e enriquecendo-o, a libido inconsciente, anônima ou recalcada. Além disso, não se trata de “introjetar” o objeto, (...) mas o conjunto das *pulsões* e de suas vicissitudes cujo objeto é o próprio contexto e o mediador.
(Abraham e Török, 1995 [1972], p. 222)

Para resolver esse problema de terminologia, Abraham e Török propõem chamar de incorporação a introjeção que não acontece, o que veio a facilitar a compreensão das diferenças entre a noção ferencziana de 1909/1912 e a mencionada posteriormente em *Confusão de língua – introjeção do agressor* –, como veremos mais adiante (Pinheiro, 1995, p. 52). A incorporação denuncia uma falta no lugar em que uma introjeção devia ter ocorrido. Não passa de uma fantasia que dá segurança ao eu, na medida em que perpetua um “prazer clandestino”, tornando-o um “segredo intrapsíquico” (Abraham e Török, 1995 [1972], p. 249). A incorporação aparece em substituição à introjeção impossível, ao mesmo tempo reflexiva – pois se volta sobre si mesma – e regressiva – pois o objeto que não pode ser metabolizado no eu permanece fixo, congelado, dentro do eu. O texto ferencziano subentende que a força-motriz da introjeção não é uma perda efetiva de um objeto amoroso, como a da incorporação.

O trauma da perda objetual induz uma resposta: é a incorporação no eu. O objeto incorporado, ao qual o eu se identifica parcialmente, torna possível uma certa temporização enquanto que espera reequilibrar a economia, redistribuir os investimentos. (Abraham e Török, 1995 [1972], p. 220)

2.2.2

A identificação com o agressor

Anna Freud (1968 [1946]), no livro *O eu e os mecanismos de defesa*⁵⁰, aborda a identificação com o agressor como um mecanismo de defesa, aproximando-se das idéias ferencianas. Complementa as formulações inacabadas de Ferenczi – posto que ele falece repentina e prematuramente –, sobre a introjeção do agressor e suas possíveis articulações com a teoria do trauma. Para Anna Freud, tal como para Ferenczi, a idéia de identificação com o agressor está sempre presente no trauma.

Em *O eu e os mecanismos de defesa*, Anna Freud afirma que uma criança introjeta características de um objeto que lhe causa angústia, como uma maneira de assimilar a experiência desprazerosa que acabou de sofrer. Neste sentido, o mecanismo de identificação, ou melhor, de introjeção, combina-se com um outro mecanismo de defesa – mecanismo de projeção –, na medida em que ao personificar o agressor – um pai que seduz sexualmente sua filha, por exemplo – a criança consegue sair da situação passiva em que se achava para uma situação ativa, transformando-se, pois, de pessoa ameaçada em pessoa que ameaça. Anna Freud (1946) insiste que, já em *Além do princípio do prazer*, Sigmund Freud (1920) demonstrava como uma criança transformava sua experiência em jogo, repetindo-a – por mais desagradável que fosse –, com o propósito de diminuir sua angústia. Em outras palavras, para Anna Freud, no jogo do *fort-da*, S. Freud depreendeu a importância da transformação do papel passivo em ativo – um jogo em que a criança repete ludicamente o desaparecimento e o aparecimento da mãe, enunciando vocábulos que representam seu afastamento e seu retorno, afastando e aproximando de si um carretel que a representa, como que tentando dominar sua angústia frente à ausência da mãe.

Para sustentar a hipótese de que a inversão de papéis de agredido e agressor tem por objetivo, entre outras coisas, dominar o sentimento de angústia, Anna Freud (1946) expõe alguns casos clínicos, como o de um rapaz que, por se identificar com a ira do professor, copiava sua expressão quando falava. Afirma que o rapaz tentava diminuir sua angústia através de caretas involuntárias, na medida em que assim assimilava o objeto temido, se

⁵⁰ Neste trabalho, como já foi dito anteriormente, optei por utilizar a tradução eu, isso e supereu no lugar de ego, id e superego. O título do livro de Anna Freud, tal como traduzido pela Biblioteca Universal Popular S.A., seria *O ego e os mecanismos de defesa*.

identificava com ele. Segundo Anna Freud, ao se identificar com a ira do professor, o rapaz deu um importante passo no sentido da instauração do supereu, pois, desta forma, internalizou a crítica e a agressividade de outras pessoas – o professor – ao seu comportamento. O mecanismo de defesa *identificação com o agressor* é um estágio importante para o desenvolvimento normal do supereu.

Quando uma criança repete constantemente esse processo de internalização e introjeta as qualidades dos que são responsáveis pela sua criação, fazendo suas as características e opiniões dessas pessoas, está fornecendo o tempo todo material a partir do qual o supereu poderá adquirir forma. (Freud, 1968 [1946], p. 128)

As crianças neste estágio, contudo, ainda não reconhecem o supereu, já que a crítica internalizada não é imediatamente transformada em autocrítica. Com efeito, a crítica internalizada encontra-se dissociada da atividade repreensível da criança, dirigindo-se para o mundo externo. Através da projeção da culpa, o mecanismo de identificação com o agressor é sucedido por um novo processo de defesa, ou seja, “por um ataque ativo ao mundo exterior” (Freud, 1968 [1946], p. 128). Na leitura de Anna Freud, portanto, esse estágio de desenvolvimento do eu, representado pela identificação com o agressor, é uma fase preliminar de moralidade, posto que não existe autocrítica por parte da criança.

Um eu que, com a ajuda do mecanismo de defesa da projeção, evolui nesse sentido, introjeta as autoridades a cuja crítica está exposto e incorpora-as no supereu. Está então apto a projetar seus impulsos proibidos para o exterior. A sua intolerância das outras pessoas é anterior à sua severidade para consigo mesmo. Aprende o que é considerado censurável mas protege-se, mediante esse mecanismo de defesa, da desagradável autocrítica. (Freud, 1968 [1946], p. 131)

Quando o supereu internaliza a crítica e a transforma em autocrítica, institui-se a moralidade. Deste modo, o supereu torna-se mais severo, enquanto que o eu precisa suportar tanto a autocrítica quanto o sentimento de culpa, que passam a ser incorporados ao aparelho psíquico da criança. Assim, a identificação com o agressor pode ser considerada uma forma de defesa do eu que, combinando os processos de introjeção e projeção, normaliza os esforços provenientes do aparelho psíquico da criança no que concerne à diminuição do sentimento de angústia. Neste sentido, a identificação com o agressor é traumática, mas não tem um valor patológico, ao contrário do que postulou Ferenczi, em seu trabalho de 1932. Anna Freud esclarece que este mecanismo

de defesa pode eventualmente se tornar patológico ao ser transportado para situações da “vida de amor” (Freud, 1968 [1946], p. 132), bem como quando representa um estágio intermediário no desenvolvimento da paranóia.

2.2.3

Fragmentação e clivagem do eu

Em cinco pequenas notas, redigidas entre 1920 e 1932 e publicadas postumamente em 1934, com o título *Reflexões sobre o trauma*, Ferenczi descreve o trauma como um choque violento, “equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo” (Ferenczi, 1992b (1934 [1932]), p. 109). Segundo essa perspectiva e em conformidade com o que pensou Rank (1924) em *O traumatismo do nascimento*, cabe aos pais e, posteriormente, sempre que for o caso, aos analistas a tarefa de reconhecer – não desmentindo – o evento traumático, viabilizando, pois, as condições para a regressão necessária, ao gerar um ambiente propício para o acolhimento e a transformação do sofrimento (Coelho Jr., 2003, p. 84). Contudo, Ferenczi (1934 [1932]) ressalta que, ao contrário disso, o mais comum é os adultos agirem de outro modo, frente ao relato que lhes é contado.

O comportamento dos adultos em relação à criança que sofreu o traumatismo faz parte do modo de ação psíquica do trauma. Eles dão, em geral, e num elevado grau, prova de incompreensão aparente. A criança é punida, o que, entre outras coisas, age também sobre a criança pela enorme injustiça que representa. A expressão húngara que serve para as crianças, ‘katonadolog’ (a sorte do soldado) exige da criança um grau de heroísmo de que ela ainda não é capaz. Ou então os adultos reagem com um silêncio de morte que torna a criança tão ignorante quanto se lhe pede que seja.

(Ferenczi, 1992b (1934 [1932]), p. 111)

À primeira vista, a história contada por Ferenczi em seus textos dos anos 1930 é simples: primeiro, um adulto seduz sexualmente uma criança. Depois, num segundo momento, a criança, buscando entender o que lhe aconteceu, narra o evento a um outro adulto, que a desmente. Através desse enredo, em *Confusão de língua* Ferenczi (1933 [1932]) valoriza a importância do trauma no surgimento das neuroses – fator traumático que, segundo ele, é sexual.

No segundo momento, quando a sedução é negada pelos adultos – tanto por aquele que seduziu a criança quanto pelo outro que interpretou a sedução

como falsa, ou seja, como uma fantasia infantil –, o trauma resulta numa cisão do eu da criança. Em outras palavras, depois da intensidade insuportável do vivido ocorre a desqualificação do que foi vivido. É assim que Ferenczi (1933 [1932]) constrói seu conceito de *introjeção do agressor*. O sentimento de culpa que o pai ou a mãe deveriam sentir é introjetado pela criança, que assume a responsabilidade pela experiência sexual – responsabilidade que a princípio não é dela, mas do agente sedutor –, sentindo-se invadida nas defesas de seu eu.

Em *Reflexões sobre o trauma*, Ferenczi (1934 [1932]) relata o sonho de uma paciente, com o objetivo de reconstruir as experiências sexuais traumáticas que aconteceram quando ela ainda era uma criança e, por outra parte, a meu ver esclarece sobre suas idéias acerca da repetição traumático-neurótica.

Uma pequena carroça é puxada por uma longa fila de cavalos para transpor o pico de uma montanha, sem o menor esforço, por assim dizer. À direita e à esquerda, o precipício; os cavalos avançam a um certo ritmo. Não existe qualquer relação entre o vigor dos cavalos e a facilidade infantil da tarefa. Sentimento de prazer intenso. Brusca mudança de cena: uma jovem (uma menina?) está deitada no fundo de uma canoa, quase morta, muito pálida, um homem gigantesco debruçado sobre ela, esmagando-lhe o rosto. Na canoa, por trás deles, está um segundo homem em pé, um senhor que ela conhece pessoalmente, e a menina tem vergonha de que esse homem seja testemunha do evento. A canoa está cercada de picos montanhosos extremamente altos e abruptos, de modo que ela não pode ser vista de nenhuma parte, exceto de um aeroplano que voa a uma distância incomensurável.

(Ferenczi, 1992b [1934 [1932]], p. 114)

A primeira parte do sonho corresponde, segundo Ferenczi, a um sonho de realização de desejo da paciente, já que ela fantasia ser uma criança que mantém uma relação sexual incestuosa com o pai, o que lhes dá muito prazer: “ambos se divertem muito” (*ibidem*, p. 115). No sonho, o vigor do cavalo representa o pai, enquanto a facilidade infantil da tarefa remete à criança. Já a segunda parte do mesmo sonho é, para Ferenczi, a reprodução de uma experiência sexual infantil, na qual uma criança é seduzida por um homem, enquanto um segundo homem – provavelmente o pai da menina – testemunha o evento sem fazer nada para protegê-la. A experiência traumática de sedução, que deve ter acontecido em segredo, é transposta para a imagem onírica “ela não pode ser vista de nenhuma parte” (*ibidem*, p. 114).

Na opinião de Ferenczi (1934 [1932]), os detalhes desse sonho são representações de uma experiência sexual traumáticas demais para serem lembradas no estado vígil, sendo reproduzidas em sonho. Ferenczi sustenta que a forma e o conteúdo dos sonhos são tentativas de resolução de acontecimentos

traumáticos, já que há uma diminuição da censura e do sentido crítico, assim como uma predominância do princípio do prazer. Desta forma, Ferenczi afirma que o mecanismo do sonho tem duas funções distintas, a saber, a função de realização de desejo – tal como Freud a descreve em sua obra de 1900, *A interpretação de sonhos* –, e sua função traumatolítica – ou seja, durante o estado de sono, as pessoas tendem a repetir, em sonhos, situações traumáticas não resolvidas e que aspiram por uma resolução.

(...) torna-se cada vez mais evidente que aquilo que chamamos os restos diurnos (e podemos acrescentar: os restos da vida) são, de fato, sintomas de repetição de traumas; (...) a tendência à repetição na neurose traumática também tem uma função intrinsecamente útil: ela vai conduzir o trauma a uma resolução, se possível, definitiva (...).

(Ferenczi, 1992b [1934 [1932]], p. 112)

Na opinião de Ferenczi (1933 [1932]), a criança pode tornar-se como um adulto, após a experiência traumática de sedução. Essa maturidade adquirida às pressas se deve às tentativas da criança de superar o sofrimento decorrente da agressão.

A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela. Nesse caso, pode-se falar (...) de *progressão traumática* (patológica) ou de prematuração (patológica). Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado.

(Ferenczi, 1992b [1933 [1932]], p. 104)

Mas essa é uma das figuras que pode assumir a fragmentação do eu, a do bebê sábio. A clivagem do eu é a resposta ao trauma, seja lá que forma assuma: “o agredido, cujas forças são vencidas, abandona-se de certo modo ao seu destino inelutável e retira-se para fora de si mesmo, a fim de observar o evento traumático de uma longa distância” (Ferenczi, 1990 [1985 [1932]], p. 19).

Digamos que o eu está diretamente envolvido no trauma, e que é o campo em que se busca soluções ou arranjos defensivos para os danos sofridos.

2.2.4

Confissões do *Diário*

Um ano antes de escrever *Confusão de língua*, Ferenczi (1931) começa a confiar ao papel suas idéias a respeito do trauma psíquico, aproximando diferentes situações, tais como aquelas em que uma criança é traumatizada pela hipocrisia dos adultos, aquelas em que um doente mental se vê traumatizado pela própria sociedade ou, então, aquelas em que um paciente tem seus traumas antigos reanimados pela rigidez técnica do analista. No tocante à questão da “hipocrisia profissional” (Ferenczi, 1990 [1985 [1932]], p. 19), ressaltou que Ferenczi acreditava piamente que este era um ponto técnico que se mostrava intimamente ligado ao problema do trauma, o que o motivou a investir numa proposta como a da *análise mútua*⁵¹. O repúdio dos sentimentos contratransferenciais desconfortáveis a que os analistas se permitiam deviam ser considerados como práticas traumáticas infligidas aos pacientes, por reavivarem traumas antigos que, por princípio, caberia à análise curar. Se o analista não reconhece o impacto do trauma no próprio espaço transferencial, estará ele repetindo o trauma original.

Por suas idéias inovadoras no que concerne à prática analítica e à técnica, Ferenczi passou a ser conhecido pelos próprios colegas de profissão como o analista de casos difíceis, recebendo em seu consultório psicóticos, casos-limites e grandes somatizadores, clientes que ninguém queria atender. O *enfant terrible* da psicanálise interessou-se pela teoria do espaço analítico e do lugar do analista no tratamento. Para dar conta de uma clínica em que se destacava a desestruturação psíquica, trabalhou vivamente sua teoria do trauma. Para ratificar meu raciocínio sobre o assunto, faço minhas as palavras de Pinheiro:

A resposta para esses pacientes difíceis Ferenczi foi encontrar na sua teoria do trauma, trauma desestruturante e, portanto, patológico.

Ferenczi questionou esse corpo teórico com o próprio instrumental psicanalítico, tentou desvendar seus enigmas, vislumbrou questões avançadas para uma época em que os recursos técnicos disponíveis para solucioná-las eram escassos. (Pinheiro, 1995, p. 121)

Das anotações a que me referi há pouco, Ferenczi publica um outro trabalho, em 1932: o *Diário Clínico/ Sándor Ferenczi*. Nele, liga o trauma à

⁵¹ Não me alongarei neste trabalho acerca da idéia ferencziana sobre *análise mútua*, que é extensamente trabalhada no *Diário Clínico / Sándor Ferenczi* (1985 [1932]).

clivagem do eu: “o agredido, cujas forças são vencidas, abandona-se de certo modo ao seu destino inelutável e retira-se para fora de si mesmo, a fim de observar o evento traumático de uma longa distância” (Ferenczi, 1990 [1985 [1932]], p. 19).

Ferenczi defende a realidade do trauma, dedicando-se a elaborar, no *Diário*, uma teoria do trauma, de seus efeitos e de seu tratamento. São idéias originais, de natureza a instigar reflexões aos psicanalistas interessados, desde o momento em que, sensibilizado com os problemas que se desenrolam nos neuróticos em momentos de perigo de morte, biológica ou psíquica, Ferenczi propõe que se reavive a teoria do trauma, aparentemente descartada por Freud, após 1897. Assim, quer se aceite ou não a verdade dos traumas sexuais infantis, esse é um debate válido e importante.

Alinhando-se à minha opinião, Masson (1984) acredita que as novas observações de Ferenczi sobre o trauma marcam uma mudança nos rumos da psicanálise nos anos 1930, na medida em que demonstram aos círculos psicanalíticos como a psicanálise se desenvolveria caso Freud não tivesse abandonado a *neurotica* em 1897. Masson (1984) comenta que Ferenczi se arriscou inclusive a perder sua posição frente à comunidade psicanalítica para defender suas postulações sobre os casos de traumas de sedução a que tantas mulheres haviam sido submetidas na infância.

No *Diário Clínico*, podem ser encontrados os depoimentos das crises de relacionamento de Ferenczi com Freud, na década de 1930. Em todas as análises registradas nele, a recorrência de relatos de experiências sexuais traumáticas por pacientes de Ferenczi é o assunto que mais se destaca.

Os constantes atrasos na publicação dos textos escritos por Ferenczi depois de 1929 mostram as resistências de psicanalistas influentes à divulgação das idéias ferenczianas sobre os traumas de sedução, mesmo após a morte dele em 1933. Jones, por exemplo, na época em que era editor da *International Psychoanalytical Library*, quis excluir das edições inglesas todos os textos de Ferenczi entre 1929 e 1933, e, em 1957, publicou o volume III da biografia de Freud, que contém críticas depreciativas a Ferenczi. Tantas resistências contribuíram para que o *Diário* continuasse conhecido somente por um círculo muito restrito de psicanalistas⁵². Após a morte de Ferenczi, a própria Sra. Ferenczi foi aconselhada pelo casal de psicanalistas Alice e Michel Balint a

⁵² Chamo a atenção para o fato de que, apesar de ter sido redigido por Ferenczi entre janeiro e outubro de 1932, o *Diário* só foi publicado em 1985.

aguardar que as repercussões imediatas das desavenças entre Freud e Ferenczi se atenuassem. Sobre o assunto, Balint comenta no prefácio do *Diário Clínico*:

(...) realmente não era um clima favorável à publicação do *Diário*, com suas numerosas idéias originais, de natureza a instigar a reflexão, com seus erros e seus exageros, suas intuições profundas, mas frequentemente inquietantes.
(Balint, 1969, p. 3 *apud* Ferenczi, 1990 [1985 [1932]])

Também por suas inovações técnicas, que eram no mínimo ousadas para a época – como a proposta ferencziana da análise mútua, por exemplo –, no final de sua vida Ferenczi foi considerado psicótico. Suas posições teóricas sobre a recorrência das experiências sexuais traumáticas e suas implicações foram questionadas, o que justificou as resistências às publicações dos trabalhos posteriores a 1929.

Pelos mesmos motivos, foi necessário ainda mais tempo para que a *Correspondência* Freud-Ferenczi fosse publicada pela primeira vez. Nela existem algumas cartas que marcam as discordâncias entre os dois autores sobre a *neurotica*.

É inegável que nos últimos anos você se isolou de novo, coisa que havia superado tão brilhantemente quando era o líder e o mestre de Budapeste. (...) você deve deixar a ilha de sonho na qual está vivendo com os seus filhos de fantasia, e de novo tomar parte na luta dos homens. (Carta Freud-Ferenczi de 12/05/1932 *apud* Masson, 1984, p. 158)

A solicitação de que você não publicasse o ensaio antes de um ano foi feita em primeiro lugar no seu interesse. Não queria abandonar a esperança de que você viria a reconhecer em trabalhos posteriores a inexatidão técnica de suas conclusões. (...) Não acredito mais que você irá se corrigir, como me corrigi há uma geração. (Carta Freud-Ferenczi de 02/10/1932 *apud* Masson, 1984, p. 162)

Entretanto, há registros nesta *Correspondência* Freud-Ferenczi sobre o trauma que são bem ilustrativos. Reproduzo parte de uma dessas cartas, em que existe a primeira menção a proposições que Ferenczi aborda no *Diário*:

Em todos os casos onde penetrei em profundidade suficiente, encontrei as bases traumáticas históricas da doença.
(...)

A opinião crítica, que durante esse tempo foi-se criando em mim, é que a psicanálise pratica de um modo excessivamente unilateral análises de neuroses obsessivas e de caráter, isto é, uma psicologia do Ego, negligenciando a base orgânico-histórica da análise; a causa disso reside na superestimação da fantasia e na subestimação da realidade traumática na patogênese. (Carta Ferenczi-Freud de 25/12/1929 *apud* Ferenczi, 1990 [1985 [1932]] , p. 12)

2.3

O estranho do trauma

A imagem das consequências do trauma para uma criança é importante, na medida em que coloca o problema de um estranho que é ao mesmo tempo familiar, isto é, do *Unheimlich* (referindo-me a Freud, em 1919b), como expressão decisiva do trauma. Através de uma concepção traumática da constituição da subjetividade, Ferenczi valoriza a existência de falhas na relação entre as pessoas, reconhecendo que atitudes amorosas de adultos para com crianças são simultaneamente traumatizantes, já que muitas vezes essas crianças não se encontram psíquica nem somaticamente preparadas para responder aos estímulos nelas despertados, não se situando com clareza nas cenas de sedução.

Sobre isso, Coelho Jr. (2003) afirma que não há como se dissociar o que seria previamente atitude familiar amorosa reconhecível, que protege e acolhe, de uma atitude traumatizante, que violenta e fragmenta o psiquismo da criança: “Será que há algo mais traumático do que essa justaposição indissolúvel do estranho e do familiar, do absoluto terror com aquilo que sempre representou o absoluto aconchego e acolhimento familiar?” (Coelho Jr., 2003, p. 80).

Acompanhando esse raciocínio, a experiência traumática, simultaneamente familiar e estranha, exige a presença de duas pessoas pelo menos – cujo protótipo é um adulto e uma criança –, que geram, através de sua relação, sensações inaugurais de familiaridade e de estranheza. Fica então como questão se, numa perspectiva como a de Ferenczi, a situação traumática inicial é “provocada por uma separação da figura e do ambiente protetor ou provocada pelo impacto de uma realidade nova, não passível de ser assimilada plenamente” (*ibidem*, p. 81). Em sua opinião, a simultaneidade do familiar e do estranho no trauma produz um excesso emocional que não é assimilável pelo aparelho psíquico.

(...) reconheço a situação como humana e pertencente ao meu mundo, mas (...) me vejo despossuído dos recursos que permitiriam uma plena assimilação e metabolização do que vivi. É mais do que uma impossibilidade de simbolização, de uma assimilação através da inclusão representacional da experiência em meu mundo mental. Não há possibilidade de assimilar na carne, porque justamente não me assemelho plenamente ao vivido e por isso não tenho como assimilá-lo. Mas mantém-se como traumático, por outro lado, porque em algo do vivido reconheço uma parte que também sou eu, algo em alguma medida familiar. (Coelho Jr., 2003, p. 76)

Uma discussão mais aprofundada sobre as possíveis ligações entre o trauma e a simultaneidade do familiar e do estranho, em Coelho Jr. (2003), requer uma retomada da palavra alemã *Unheimlich*, tal como Freud (1919b) a apresentou em *O estranho*. Nesse texto, Freud sustenta que o *Unheimlich* tem relação com o que é assustador, embora remeta também ao que é conhecido há muito tempo como familiar. Sobre o assunto, complementa:

A palavra alemã '*Unheimlich*' é obviamente o oposto de '*Hiemlich*' ['doméstico'], '*Heimisch*' ['nativo'] – o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é 'estranho' é assustador precisamente porque '*não*' é conhecido e familiar. (...) contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem que ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho.

(Freud, 1976 [1919b], p. 277)

Na leitura freudiana, a palavra *Heimlich* exibe uma conotação que se aproxima ao seu oposto, *Unheimlich*, na medida em que *Heimlich* também significa aquilo que é oculto e perigoso, sendo inacessível ao conhecimento (*ibidem*, p. 282-283). Em outras palavras, "*Unheimlich* é, de um modo ou de outro, uma subespécie de *Heimlich*" (*ibidem*, p. 283). Apoiando-se nisso, Freud sustenta que o estranho provém de algo familiar que foi recalçado e que, por um motivo ou por outro, retorna.⁵³ Nesse caso, o prefixo '*Un*' sinaliza o recalque.

Sobre a idéia de que o estranho pode estar referido a uma alienação que ocorre em consequência de um processo de recalque, Freud (1919b) ressalta.⁵⁴

(...) o uso linguístico estendeu *das Heimliche* (...) para o seu oposto, *das Unheimliche*; pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do recalque. Essa referência ao fator do recalque permite-nos (...) compreender a definição de Schelling [*ibidem*, p. 281] do estranho como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz. (Freud, 1976 [1919b], p. 301)

O trauma psíquico pode estar, portanto, ligado a um sentimento ambivalente de estranheza e familiaridade, tal como Freud (1919b) e, bem mais recentemente, Coelho Jr. (2003) propuseram.

⁵³ Entretanto, numa perspectiva freudiana (1919b), nem tudo o que evoca desejos recalçados e modos superados de pensamento é por causa disso estranho.

⁵⁴ Neste estudo, preferi substituir a palavra *repressão*, tal como traduzida pela Imago Editora, por *recalque*.

2.4

Novas bases do trauma: a teoria da sedução generalizada

Até aqui a fecundidade da idéia do trauma foi abordada, num primeiro momento, em Freud, para depois ser retomada em Ferenczi, reforçando as concepções presentes na obra freudiana e desenvolvendo o papel traumático do desmentido em Ferenczi. Agora, apresentarei, em linhas gerais, a abordagem de Laplanche sobre a questão do trauma, com seus novos fundamentos para uma teoria da sedução generalizada.

Laplanche (1987) inicia sua pesquisa sobre trauma a partir das elaborações de Freud (até 1897) sobre trauma e sedução, assim como através dos ensaios de Ferenczi escritos após 1928. Partindo da *teoria da sedução restrita* (no caso, a *neurotica* freudiana) para dessa forma introduzir uma nova teoria, a *teoria da sedução generalizada*, Laplanche propõe uma nova concepção de trauma, que perde o caráter de abuso sexual, desorganizador e patológico, passando a ter um outro valor bem mais amplo, enquanto necessário, estruturante, não intencional, fundamental e originário na constituição psíquica do sujeito.

Retomando o trauma de sedução presente nos primeiros trabalhos freudianos (até 1897), Laplanche (1987, 1988c)⁵⁵ define a *sedução restrita* e a *sedução generalizada*. Para tanto, o autor irá retomar quatro características essenciais da teoria da sedução restrita, abandonada por Freud em 1897 – *o adulto enquanto agente obrigatório da sedução, a sedução infantil, a passividade essencial da criança e o encadeamento das cenas*.

A primeira característica da *teoria da sedução restrita* – *o adulto enquanto agente obrigatório da sedução* – surgiu a partir da releitura das anamneses dos pacientes de Freud, já que nelas, mesmo que uma criança fosse posteriormente seduzida por uma criança mais velha, o primeiro trauma de sedução sempre acontecia com um adulto. Laplanche (1988c) relembra a existência do caráter perverso do pai da histérica, na teoria freudiana da década de 1890. O adulto molestatador não era qualquer um; era alguém conhecido da criança, assim como um pai – um pai que apresentava, no entanto, características perversas e agia de maneira incestuosa em relação à criança. O adulto molestatador era visto por

⁵⁵ Provavelmente, nem todos os ensaios do livro *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (Laplanche, 1988) aqui utilizados foram escritos e publicados em 1988. Contudo, já que a Editora Artes Médicas não incluiu as datas originais nos artigos, decidi fazer referências aos textos, ao longo do trabalho, como se todos tivessem sido editados pela primeira vez no ano de 1988.

Freud, até o abandono da *neurotica*, como um desviante quanto ao objeto e quanto à finalidade.

O adulto incriminado por Freud (...) certamente não era qualquer um. Era um adulto 'perverso' e isto no duplo sentido que vai ser estabelecido, mais tarde, nos *Três ensaios*: desvio quanto ao objeto, pois que é um pedófilo, até mesmo incestuoso, desvio quanto ao fim, pois 'não se pode esperar de pessoas que não têm nenhum escrúpulo em satisfazer suas necessidades sexuais através de crianças que se preocupem com sutilezas na maneira de obter esta satisfação'.

(Laplanche, 1988c, p. 109-110)

Laplanche marca a presença de um "caráter 'grotesco', 'repugnante', 'impróprio' e 'trágico' das relações sexuais num 'par desigualmente reunido'" (Laplanche, 1988 [1987], p. 114), ao resgatar o pensamento freudiano a respeito do caráter perverso do agente da sedução. As cenas descritas por Freud são traumáticas, na medida em que denotam agressão, irrupção, intrusão e violência (*ibidem*, p. 116).

A *sedução restrita* – ou, como também Laplanche (1988c) chama, a *sedução infantil* –, por sua vez, é concretizada, segundo o autor, em cenas de sedução que podem ser reencontradas, rememoradas, reconstruídas através da análise. Laplanche afirma que, nessas cenas, a criança se apresenta de forma imatura, não compreendendo o que lhe acontece; ela ainda está despreparada – em níveis somático, afetivo, psíquico e intelectual – para as experiências de sedução e, sobretudo, para o confronto com a sexualidade adulta.

Num primeiro tempo, a criança se situa numa etapa anterior à irrupção da sexualidade, numa etapa pré-sexual⁵⁶; só depois, já na puberdade, a criança pode vir a resignificar o que lhe aconteceu numa experiência sexual prematura. Assim, tal como em Freud, para Laplanche a experiência sedutora só se torna traumática mais tarde, ao tomar a significação sexual. Após a puberdade, a experiência sexual desenvolve, como lembrança, uma ação patogênica.

A imaturidade, a 'impotência sexual inerente às crianças' é assim avaliada por Freud em relação a uma espécie de escala de desenvolvimento, comportando etapas, níveis: nível de reação somática, nível de ressonância afetiva, nível de compreensão psíquica, tudo isto fazendo apenas um: é na sua totalidade psicossomático-afetiva que a criança pode ou não integrar adequadamente o que lhe acontece.

(Laplanche, 1988c, p. 109)

⁵⁶ Coutinho (1994, p. 81) lembra que "pré-sexual é tomado por Freud num duplo sentido: absoluto, isto é, antes da irrupção da sexualidade; e relativo, ou melhor, numa etapa anterior da sexualidade infantil".

Por causa de seu despreparo, a criança assume uma posição passiva frente às insinuações e iniciativas sexuais do adulto. Sentimentos de angústia e aflição não permitem que a criança aja, portanto, de maneira ativa em relação à cena, que adquire, assim, contornos de agressão, que irrompe no eu da criança, ameaçando-o de transbordamento e, sobretudo, de aniquilamento.

No que diz respeito ao terceiro elemento da teoria da *sedução restrita*, isto é, a *passividade essencial da criança*, Laplanche sugere que a passividade que se percebe numa situação de abuso sexual não tem relação com uma passividade comportamental ou gestual, mas está ligada à questão da inadequação da criança para compreender, isto é, simbolizar a mensagem que lhe é proposta. Assim, a criança que assiste à cena originária – observação do coito parental, no caso do *Homem dos lobos* – é tão passiva quanto aquela que é sexualmente seduzida pelos adultos.

A outra característica essencial da teoria da *sedução restrita* – o *encadeamento de cenas* – está ligada às relações existentes entre vários acontecimentos, ou melhor, entre várias cenas traumáticas de sedução, que se encontram articuladas ponto a ponto, através de princípios complexos, tais como contiguidade, semelhança e diferença, já que as cenas simbolizam-se umas às outras. Deste modo, uma cena remete a uma segunda, mais antiga que a primeira, que, por sua vez, remete a uma terceira e assim sucessivamente. Laplanche afirma que a busca freudiana por uma cena originária – a cena primordial – configurou-se como um dos pontos vulneráveis da *neurotica*, contribuindo para o abandono da teoria em 1897.

Assim, a *sedução restrita* ou *sedução infantil*, que coincide com a concepção de Freud antes do abandono da *neurotica* em 1897, pode ser definida como constando de cenas reais ocorridas na infância e vivenciadas por uma criança, ainda imatura e indefesa, de forma passiva. O adulto do qual muitas vezes essa criança abusada depende age, pois, de maneira violenta e intrusiva. Essas cenas reais traumatizantes, que despertam uma quantidade de excitação exacerbada e incontornável, poderão ou não ser encontradas, reconstruídas, recordadas graças ao método analítico ou através de sugestões hipnóticas.

A *sedução restrita* se desenvolve para Laplanche (1988c) em três aspectos complementares – *temporal*, *tópico* e *tradutivo* –, que se aplicam ao que ele denomina de *sedução infantil*, *sedução precoce* e *sedução originária*. Para ele, o termo *sedução infantil* está referido a um primeiro Freud, com sua teoria da *neurotica*, em que o agente sedutor é descrito como *o pai da histérica*

(Laplanche, 1988 [1987], p. 115). A *sedução precoce*, por outro lado, refere-se a um período de quase 70 anos, entre 1897 e 1964/67, em que ocorre uma espécie de silenciamento e até, em certa medida, de censura no que concerne às questões relativas ao pensamento freudiano, segundo Laplanche (1988 [1987], p. 122-123).

Se consultarmos o *Índice dos Escritos Psicanalíticos* de Grinstein, que cobre exatamente este período, até 1969, somos remetidos, pela 'palavra-chave': 'Sedução', em tudo e para tudo para quatro artigos de autores ilustremente desconhecidos e publicados nas revistas não-psicanalíticas. Um deles, que seria interessante reaver, intitula-se '*A teoria da sedução*' de Freud: *uma reconstrução*, e apareceu num jornal pelo menos especializado: o *Journal d'Histoire des Sciences du Comportement*. Os outros, segundo os títulos, podem considerar-se como pura curiosidade psicopatológica, porque levantam questões muito particulares como a sedução das crianças pelos familiares, ou a influência da sedução na criminalidade. (Laplanche, 1988 [1987], p. 123)

Contudo, se Laplanche afirma no capítulo *Fundamentos: para a teoria da sedução generalizada* que a sedução como teoria experimenta em Freud um período de *recalcamento* teórico, por outro lado, paradoxalmente Laplanche também sustenta que, no início dos anos 1900, o pai perverso, antes o personagem mais importante da *sedução infantil*, cede seu lugar para a mãe, passando a ser a sedutora por excelência, essencialmente na relação pré-edípica, no que Laplanche chama de *sedução precoce* (*ibidem*, p. 126).

Finalmente, o postulado laplancheano da *sedução originária*, que surge somente após 1964/67, veicula tanto uma idéia de que existem *significantes enigmáticos*, cuja origem é inconsciente, quanto a idéia de que estão incluídas na sedução originária situações que em nada dependem de um atentado sexual paterno ou da sedução precoce pela mãe. Nas palavras de Laplanche: "Os cuidados 'naturais' ou o atentado 'paternal' só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, veiculando o enigmático" (*ibidem*, p. 134).

O *aspecto temporal* da *sedução infantil*, segundo Laplanche (1988c), corresponde ao *a posteriori*, que acompanha a concepção do trauma em dois tempos. Há um primeiro tempo, em que a lembrança não é patológica, nem traumatizante. Por outro lado, há ainda um segundo tempo, em que uma nova cena se associa à lembrança da primeira cena, que se torna autotraumática. Se o primeiro tempo do trauma é que dá sustento ao segundo, já o segundo tempo do trauma é que resignifica o primeiro. Em outras palavras, é a própria lembrança, e não a segunda cena, que é autotraumatizante.

A teoria em dois tempos mostra que todo trauma só adquire contornos patogênicos, na visada de Laplanche (1988 [1987]), porque a ação em si se torna autotraumática. Para esse autor, o verdadeiro trauma então é um autotrauma que o sujeito se inflige por lembrança, já que a própria lembrança da primeira cena funciona como fonte de energia libidinal interna autotraumatizante.

Deixada à espera, a recordação não é em si mesma patogêna nem traumatizante. Só lhe advém com sua revivescência, por ocasião de uma segunda cena que encontra ressonância associativa com a primeira. Mas, quanto às novas possibilidades de reação do sujeito, *é a própria recordação, e não a nova cena*, que vai funcionar como fonte de energia autotraumatizante. De tal maneira esta teoria de dois tempos mostra que *todo o traumatismo não tem ação patogêna, mas que se torna autotraumático*. (Laplanche, 1988 [1987], p. 118)

Desse modo, o tempo do autotraumatismo não tem a sua saída numa elaboração normal, mas numa defesa patológica e isto por razões que derivam do *aspecto tópico* da teoria (*ibidem*, p. 118). Neste sentido, só então no segundo tempo do trauma é que o sujeito pode compreender o que se passa com ele, assim como implementar o recalque.

O *aspecto tópico* da *teoria da sedução infantil* – enquanto um conflito entre o eu e o outro – deriva, num primeiro tempo, de uma verdadeira estratégia de ataque externo vindo do adulto (*ibidem*, p. 118-119). O eu não consegue ainda organizar suas defesas para dessa forma enfrentar o evento que se torna, por causa disso, traumatogênico. Já num segundo tempo, o *aspecto tópico* da teoria da sedução infantil é marcado pelo ataque interno de objetos⁵⁷, ao mesmo tempo estimulantes e perigosos para o eu da criança, que não os consegue simbolizar (*ibidem*, p. 106 e p. 119).

A tópica é aqui terreno para uma verdadeira estratégia, no sentido guerreiro do termo, com movimentos de ataque e de contra-ataque. (...) na altura do primeiro ataque, o ataque externo vindo do adulto, a primeira cena sexual, [o indivíduo] não tem meios de defesa adequada, (...) e quando muito pode bloquear o inimigo no terreno, enquistar a recordação, mas não recalca-la. Num segundo tempo, (...) tem perfeitamente meios para (...) compreender o que se passa, mas encontra-se voltado para uma verdadeira guerra estratégica, agredido na face desarmada, isto é, interiormente, atacado por uma recordação e não por um acontecimento. Evidentemente, entre ambos há que fazer intervir (...) o aparecimento do eu.
(Laplanche, 1988 [1987], p. 119)

⁵⁷ Estes objetos a que nos referimos aqui correspondem, para Laplanche após 1964/67, aos *significantes enigmáticos*, na sedução originária.

No artigo *Sedução generalizada e primazia do sexual*, ao comentar o aspecto tópico da *sedução infantil* concebido por Laplanche, Paulo de Carvalho Ribeiro (1996) ressalta que a idéia de contra-ataque defensivo por parte da criança – um ataque interno desencadeado por alguma recordação autotraumatizante – cedeu espaço para a fantasia, “subtraindo assim ao inconsciente seu lastro de realidade advinda da mensagem do outro e terminando por encontrar (...) nas excitações de origem orgânica, o único índice de realidade onde apoiar os pés da fantasia” (Ribeiro, 1996, p. 51).

Remetendo-se à hipótese da dupla inscrição⁵⁸, presente no esquema apresentado na Carta Freud-Fliess de 06/12/1896 (Carta 52), Laplanche (1988c) afirma que existe um terceiro aspecto da teoria da *sedução infantil* – *aspecto verbal e tradutivo* –, que, diferentemente dos *aspectos temporal e tópico*, permeia a questão da linguagem e dos modos de comunicação. Laplanche desvela um modelo tradutivo da constituição subjetiva, segundo o qual o aparelho psíquico se constituía por estratificação, em que os traços de memória se submetiam, de tempos em tempos, a uma retranscrição, de acordo com novas circunstâncias. Conforme este esquema, cabia a cada sistema uma inscrição de uma mesma representação, inscrição que se diferenciava pelos modos de funcionamento específicos de cada sistema. Neste sentido, a memória estava presente de uma forma múltipla e as inscrições sucessivas marcavam o mecanismo psíquico em diferentes etapas da vida, sendo que entre estas épocas deveria necessariamente se efetuar uma tradução dos traços mnêmicos. Dito de outra forma, a passagem de um sistema para o outro deveria ser operada por uma tradução. O *aspecto tradutivo*, no qual a teoria da sedução infantil se desenvolve, coloca em questão a possibilidade de se processar a cena pela sucessão de inscrições, reinscrições e traduções. Assim, ao comentar a teoria laplancheana do trauma, Utichel assinala que “embora o recalçamento possa ser visto como ‘uma falha parcial de tradução’, ele também é uma forma exitosa que permite a entrada e a integração das representações do acontecimento no aparelho psíquico, contrapondo-se, em parte, ao impacto do trauma” (Utichel, 2001, p. 104).

A partir de sua própria contribuição, isto é, da construção e utilização desses três aspectos, Laplanche (1988c) apresenta pontos positivos e negativos

⁵⁸ A hipótese da dupla inscrição baseia-se na existência de uma separação tópica do psiquismo – inconsciente/pré-consciente/consciente – e admite a possibilidade de uma mesma representação estar presente em dois locais do aparelho psíquico, ao mesmo tempo. Segundo esta hipótese, uma representação pode avançar de um lugar para outro, sem abandonar sua primeira inscrição.

da teoria da *sedução infantil*. Para ele, a força da teoria da *sedução infantil* reside:

1) na trama fechada que liga a teoria aos dados tirados da experiência analítica; 2) no fato de pôr em jogo, já de forma rigorosa e doravante intransponível, estes três fatores da racionalidade analítica – temporalidade do *après-coup*, localização tópica subjetiva, laços tradutores ou interpretativos entre os cenários e as cenas; 3) na capacidade explicativa do modelo, amplamente transponível e extensível no campo da psicopatologia; 4) na capacidade evolutiva do modelo: o que designamos de passagem, como ‘esboços’ para desenvolvimentos futuros. (Laplanche, 1988c, p. 112-113)

Laplanche insiste que a essência da sedução não é questionada na *sedução infantil*, na medida em que a concepção freudiana se limita ao nível mais manifesto da psicopatologia, o das relações perversas entre adultos e crianças (*ibidem*, p. 113). Assim, o modelo da teoria da *sedução infantil* explica somente a psicopatologia, incluindo num único conjunto a defesa patológica, o recalçamento e o inconsciente. Laplanche afirma que são pontos fracos da teoria da sedução infantil: o postulado segundo o qual, em todos os casos de sedução, os pais deveriam ser descritos como pervertidos; a incessante busca por uma cena traumática de sedução mais e mais remota; além da importância quase exclusiva que Freud atribui à puberdade – enquanto uma fronteira entre todas as outras fases pelas quais o sujeito passa.

A fragilidade radica em deixar intacta a crença de que o trauma se produz pela responsabilidade única de uma cena real que deve ser reencontrada, por um acontecimento factual a quem cabe todo o sentido do trauma e por conduzir a uma tarefa infinita, desviante (em relação à concepção da realidade psíquica e dos inúmeros traumas) e decepcionante (pela dificuldade de encontrar as múltiplas cenas).

(Utichel, 2001, p. 104)

Segundo Laplanche, com exceção das produções teóricas de Freud e Ferenczi, o tema sedução encontra-se recalçado, entre 1897 e 1964, na literatura psicanalítica. Durante esta época, artigos publicados em revistas não-psicanalíticas atuavam como censura e repúdio a Freud. Esse período intermediário, um período de 70 anos, que coincide com o abandono da *neurotica* freudiana em 1897 e antecede o período em que Laplanche apresenta, pela primeira vez, o que chamaria, após 1964/67, de *teoria da sedução generalizada*, passa a ser nomeado por Laplanche (1987), assim, de período de recalçamento teórico da sedução precoce.

Os aspectos *temporal*, *tópico* e *tradutivo* da teoria se deslocam, no período de recalçamento. No que se refere ao *aspecto temporal*, a idéia de *a posteriori* permanece como uma categoria importante para o entendimento da sedução em psicanálise, comparecendo, por exemplo, no caso *História de uma neurose infantil* (Freud, 1918 [1914]). Já o *aspecto tópico* da teoria evolui separadamente, quando, segundo as próprias palavras de Laplanche, “a noção de ataque interno, a que se liga com o corpo estranho interno, não é posta em questão, mas é a fantasia que toma o lugar desta realidade psíquica última” (Laplanche, 1988 [1987], p. 124). O *aspecto verbal* e *tradutivo* da Carta 52, por sua vez, tende a desaparecer quase completamente. Conforme Laplanche (1987), é exatamente Ferenczi quem renova este terceiro aspecto da teoria, justamente com seu ensaio *Confusão de língua*, que, de certa maneira, antecipa o que viria a se chamar, mais tarde, teoria da *sedução generalizada*: “Vemos neste artigo uma espécie de prefácio à *teoria da sedução generalizada*, e por isso reservamo-lhe o seu lugar, apesar de um certo anacronismo, no que chamamos ‘o após 1964’ ” (Laplanche, 1988 [1987], p. 125).

Assim, se a *teoria da sedução infantil* foi abandonada em 1897, em contraponto inaugurou-se um aprofundamento importante com a introdução do conceito da *sedução precoce* nos textos freudianos, particularmente quando o pai cede seu lugar à mãe, na relação pré-edipiana. Neste sentido, segundo Freud, após 1897 não é mais tanto o pai perverso da histérica que abusa sexualmente de uma criança; passa a ser a mãe pré-edipiana sedutora do bebê, através dos primeiros cuidados maternos. Concordando com Freud, Laplanche (1988c) supõe que a relação adulto-criança se mantém assimétrica, não sendo uma interação pautada numa reciprocidade, na medida em que a mensagem sexual se origina do inconsciente e é emitida sempre do lado do adulto. O trauma de sedução, por sua vez, adquire um caráter organizador e estruturante, quando a mãe é o principal agente sedutor.

(...) dizemos que a sedução [materna] é traumática e ao mesmo tempo estruturante. Estrutturante porque a organização da sexualidade só é possível pela intervenção, provocação por um agente externo dissimétrico e, portanto, traumático. Traumático porque a criança é confrontada com um excesso de quantidade, com a força pulsional, cuja representação, simbolização não é possível. O que determina a situação traumática é a possibilidade dessa quantidade ser ou não representada. (Coutinho, 1994, p. 118)

Desta forma, Laplanche avança na questão da experiência sexual traumática, em direção à sedução essencial, a qual situa na origem e no cerne

de toda a sexualidade. Desenvolve então sua *teoria da sedução generalizada*, ao acreditar que a existência de um inconsciente parental seria relevante desde a relação mãe-bebê. Laplanche (1988c) propõe uma nova teoria e estabelece a *sedução originária*, em que a situação de sedução deve ser concebida como algo que está para além da experiência sexual de sedução, a partir de um contexto em que uma criança é confrontada com mensagens emanadas do adulto, mas das quais não possui a chave, ou seja, os significantes enigmáticos:

Enigmáticos, não apenas porque a criança não possui o código nem as respostas fisiológicas ou emocionais para tais mensagens, mas também porque o próprio adulto não conhece o código, por se tratar de significações sexuais inconscientes. Enigma, aqui, (...) refere-se ao fato de que os significantes parentais no curso dos recalcamientos – traduções sucessivas – abandonaram seus significados que ficaram perdidos para sempre. Como uma fechadura que a chave se perdeu. Perdeu-se para ambos os parceiros da sedução originária.

(Coutinho, 1994, p. 119)

Coutinho pontua então que a *sedução originária* não está necessariamente articulada a um atentado sexual. Nesta medida, a *sedução generalizada* é “o protótipo do mecanismo de toda sedução, de qualquer que seja o tipo” (*ibidem*, p. 120).

Para exemplificar a *sedução originária*, Laplanche (1988b) retoma a idéia de que o seio materno transmite para o bebê uma mensagem que pode ser tanto verbal quanto não-verbal, e que esta mensagem é sexual e enigmática. Esclarece que estas mensagens enigmáticas são essencialmente mensagens não-verbais, no caso de um bebê. Laplanche ressalva que, além de ser um órgão através do qual a criança se alimenta, o seio é uma zona erógena para a mulher, faz parte de sua vida sexual, sendo por ela inconscientemente investido. Neste sentido, afirma que o seio atua como zona erógena na relação da mãe com a criança: “Que quer de mim este seio que me alimenta, mas que também me excita; que me excita se excitando? Que quer ele dizer, que ele mesmo não sabe?” (Laplanche, 1988b, p. 79).

O exemplo do seio materno aponta para a existência de uma relação pulsional adaptativa – pulsão de autoconservação, na medida em que a relação mãe-bebê está centrada, inicialmente, na satisfação de uma necessidade através da alimentação, assim como está centrada também numa relação de trocas entre o que é exterior ao bebê e o que lhe é interior, isto é, seu corpo. Entretanto, de outro modo, a própria presença do seio materno, segundo Laplanche, se impõe para a criança “como mensagem enigmática, carregada de

um prazer de si mesmo, ignorado e de impossível circunscrição” (Laplanche, 1988b, p. 79).

(...) ao nível da autoconservação ou adaptação (...), a comunicação vai no sentido filho-pai, enquanto no domínio sexual vai no sentido inverso; de tal maneira a criança evolui da adaptação para a sexualidade que Freud não hesita em afirmar que a mãe (na sua relação com o filho) passa da sexualidade à afeição: ‘O amor da mãe pelo lactente que ela alimenta e cuida é algo de diferentemente profundo da sua afeição ulterior pelo filho que começou a crescer’. Há um verdadeiro desencontro entre o caminho que o filho percorre e o que a mãe percorre.

(Laplanche, 1988 [1987], p. 104)

Para desenvolver a noção de significante enigmático, Laplanche se inspirou no artigo *Confusão de língua* – no qual Ferenczi caracteriza o mundo do adulto pela linguagem da paixão –, assim como no modelo tradutivo, presente na Carta Freud-Fliess de 06/12/1896 (Carta 52). De *Confusão de língua*, Laplanche resgata o aspecto traumático e estruturante da relação da criança com o mundo adulto, na medida em que postula a existência de confrontos entre criança e adulto pelos significantes enigmáticos, na *sedução originária*. Contudo, segundo Laplanche (1987), em *Confusão de língua*, Ferenczi passa ao largo do que é mais importante, a manifestação do inconsciente parental, não percebendo que a linguagem apaixonada do adulto “só é traumatizante porque veicula um sentido em si mesmo ignorado” (Laplanche, 1988 [1987], p. 132). Sobre a expressão ferencziana *confusão de língua*, Laplanche ressalta:

(...) a expressão ‘confusão de línguas’ não nos parece completamente adequada. Com efeito, há línguas de adulto, língua verbal, língua dos gestos, das convenções, das mímicas ou dos afetos. Também existe na criança uma potencialidade para entrar nestas línguas, que é uma potencialidade natural, instrumental e também afetiva. Mas, (...) o problema não se resume nem à aquisição de uma ou várias ‘línguas’, nem ao confronto de duas línguas com as suas lógicas e os seus processos significantes diferentes. Com efeito, sabe-se que, sem gramática nem dicionário, é perfeitamente possível semelhante aquisição ou semelhante correspondência, e isto sem mais. (Laplanche, 1988 [1987], p. 131)

Já da Carta 52, Laplanche retira os pontos de vista tradutivo e econômico, para aplicá-lo na teoria da sedução generalizada. A partir dela, sustenta que a falha de tradução do material psíquico, disponível na forma de traços mnêmicos, é constitutiva do recalçamento, explicando a permanência de resíduos não traduzidos de mensagens enigmáticas emanadas do adulto. Dito de outro modo, existem significantes enigmáticos que estão presentes no interior da linguagem do adulto – “uma mensagem de si mesmo ignorada” (Laplanche,

1988b, p. 94) e que, antes mesmo de serem traduzidos, são passivamente registrados no aparelho psíquico. Deste modo, o que está em perspectiva nos resíduos dessas mensagens enigmáticas sexuais oriundas do outro, que escapam à eficácia tradutiva, “é a própria gênese do indivíduo, enquanto possuindo um inconsciente e uma sexualidade” (Laplanche, 1988c, p. 108).

Para descrever aquilo com o que a criança originalmente se confronta, ou seja, esses significantes enigmáticos, essa parte da experiência que ela tem que controlar imediatamente, traduzir, assim como assimilar em seu eu, Laplanche (1987) resgata o termo *Wahrnehmungszeichen*⁵⁹ – utilizado por Freud na Carta 52 e traduzido por Masson (1986) como *indicação da percepção*. Para Laplanche, estes primeiros elementos a serem traduzidos pela criança – os significantes enigmáticos antes de qualquer tradução – são comparáveis aos *signos de percepção*.

Laplanche pressupõe que, em toda situação sedutora, há a intervenção de um adulto que, com seu inconsciente, endereça à criança uma mensagem que, para ela, é enigmática e traumática. Em outras palavras, é a sedução por parte de um adulto que desvia a criança em relação aos seus estímulos pulsionais de autoconservação, fazendo incidir no corpo do bebê as indicações perceptivas de significantes intraduzíveis e, portanto, traumáticos. Sobre o assunto, Utichel acrescenta:

As *mensagens enigmáticas*, veiculadas pelo adulto sob a forma da *implantação*, chamam a um trabalho de tradução, simbolização e deciframento. (...) Quando no lugar da *implantação* (processo comum, normal e neurótico que permite à criança processar os significantes numa dupla vertente tradutiva e recalcante) se institui a *intromissão*, que, como diz Laplanche, é uma forma de implantação que coloca obstáculos ao trabalho tradutivo, que produz um curto circuito no incipiente psiquismo e coloca no seu interior um elemento estrangeiro e rebelde (...), produz-se o trauma. (Utichel, 2001, p. 106-107)

No meu entender, o intraduzível interno à própria mensagem, numa visada laplancheana, é recalcado na forma de eco, de um resíduo que é passivamente registrado no inconsciente infantil. Assim, uma inadequação da compreensão à mensagem que está sendo proposta por um adulto gera, na criança, um trauma psíquico.

⁵⁹ Cf. Masson (1986, p. 209): “Wz [*Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)] é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações de simultaneidade”.